

“A sua palavra, vinda de um túmulo a muito cerrado, será ouvida”: as representações do urbano pelotense nas crônicas de Alberto Coelho da Cunha (1853-1939)

JÉSSICA OLIVEIRA DE SOUZA¹; ANA INEZ KLEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – jeoliveira.souza@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A criação da revista “Annales d'Histoire Economique et Sociale”, na França, em 1929, mudou os rumos da escrita historiográfica. Clio sentiu-se abraçada pelo novo: a Escola dos Anais. Fruto do movimento criado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a mesma tem como crítica principal a velha história, a história dos relatos, baseada nos documentos oficiais.

Com a atuação dos historiadores da Escola dos Anais, a História torna-se mais próxima do cotidiano das pessoas comuns, do indivíduo anônimo e de sua trajetória de vida que se insere no contexto histórico, a partir de suas relações. É no fim do século XX, com o chamado ‘giro linguístico das Ciências Sociais’¹ e com o aprofundamento dos questionamentos sobre a veracidade e a subjetividade da escrita histórica, que se radicalizou a utilização de novas fontes na chamada “Nova História”².

A partir dessa renovação multiplicam-se trabalhos sobre cotidiano na historiografia, com a análise dos fatos pequenos, muitas vezes banais, do dia a dia, do sujeito anônimo, característica presente na crônica, uma fonte por excelência para se trabalhar com a história do urbano.

O presente projeto se desenvolve dentro de uma perspectiva teórico literária, buscando compreender a escrita do autor cronista pelotense Alberto Coelho da Cunha, relacionando-a com a bibliografia sobre a sua vida. Seu objetivo geral é analisar as representações da cidade de Pelotas presentes nas crônicas do autor.

2. METODOLOGIA

A crônica, enquanto gênero literário, apresenta diversas tipologias, pois a sua forma de narrativa e a sua estrutura variaram conforme o local e a temporalidade em que ela foi produzida, havendo muitos textos que podem ser chamados de crônica. Este trabalho trata da crônica que se popularizou no Brasil a partir do século XX com o surgimento dos jornais, um gênero consolidado entre os escritores tanto na área do jornalismo, como na literatura (KLEIN, 1997).

As fronteiras entre a narrativa histórica e literária, por serem porosas e tênues exigem do historiador uma série de questionamentos que se devem ser feitos para a fonte, quando se trabalha com o contexto urbano, assim resumidos por Rangel:

(...) o que os textos dizem sobre as cidades? Como eles dizem? De que forma esse comentar a cidade altera ou interage com as práticas sociais urbanas? (RANGEL, 2009 p.118)

¹ Influenciado pela obra do filósofo Wittgenstein, pela fenomenologia de Alfred Shutz e pela hermenêutica de Gadamer, o giro linguístico das ciências sociais resultou, entre outras ideias, da consideração de que a reformulação da teoria crítica da sociedade deve operar-se a partir da linguagem, ou seja, que a linguagem, ou no caso, a escrita da história, por si só, não é neutra.

² Utiliza-se aqui a definição de Burke, sendo a Nova História a última geração da Escola dos Anais (BURKE, 1991)

A pesquisa está sendo realizada utilizando revisão bibliográfica e análise de documentos que tratam da vida e da obra do cronista Alberto Coelho da Cunha (1853-1939), em diálogo constante com suas crônicas sobre a cidade de Pelotas.

Durante seus 41 anos como servidor público, Alberto Coelho da Cunha desempenhou importante papel registrando a história da cidade de Pelotas. Grande parte dos textos foi conservada e hoje se encontra no acervo da Biblioteca Pública Pelotense, compondo o Fundo Documental Alberto Coelho da Cunha. No local, há uma relação da obra de Alberto, elaborada por Henrique Carlos de Moraes, que lista mais de 95 itens produzidos. Foi após quinze anos da sua vida morando na “Estância Paraizo” que Alberto se dedicou a escrever, como cronista, para colunas de jornal, o cotidiano da Pelotas urbana e rural, que vê acentuarem-se, então, traços e características da industrialização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É inviável trabalhar com a história do urbano sem mencionar o conceito de representação, apresentado por Sandra Pesavento em diversos de seus textos, como a prática de se (re) apresentar algo. Chartier nos fala da representação a partir das tentativas de se decifrar, de outro modo, as sociedades:

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando no meado das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1991, 177)

Se não há estruturas que não sejam produzidas por representação e sendo, ainda, por elas que os indivíduos dão sentido ao mundo que é deles, se torna imprescindível elencar alguns aspectos da vida de Alberto para podermos analisar a representação expressa em sua narrativa.

Utilizar a crônica como fonte histórica é um caminho para se chegar em sentimentos, culturas e singularidades da Pelotas do século XIX e XX. Para tanto, a presente pesquisa está analisando a narrativa de Alberto e compreendendo as representações (CHARTIER, 2002) do urbano pelotense por ele elaboradas na construção de seus textos, que compõem a coletânia “Antigualhas de Pelotas”.

4. CONCLUSÕES

Em virtude de uma acentuada produção da literatura de imprensa, na transição do século XIX para o XX (MAGALHÃES, 1993) em Pelotas, pode-se considerar que esta é uma atividade importante na organização dessa sociedade no período. É num cenário de mudanças e transformações do urbano, na passagem da cidade movida pelo charque à cidade pautada pelo relógio da industrialização (LONER, 2001), que foram escritas o conjunto de crônicas denominado “Antigualhas de Pelotas”.

A partir da pesquisa biográfica sobre o Alberto três constatações podem ser destacadas no sentido de contribuir para caracterizar suas crônicas e orientar tais questionamentos em relação ao autor, texto e contexto: sua condição social; seu envolvimento político; sua profissão, pois apesar de sua família ser estancieira, Alberto tornou-se funcionário público municipal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIADA, Eduardo; SANTOS, Rita de Cássia Grecco . Lembranças de um homem simples: as memórias de Alberto Coelho da Cunha. In: **13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, 2007, Porto Alegre. Guardar para Mirar: acervos e história da educação. Porto Alegre: UFRGS, 2007. v. 01. p. 01-15.

ARRIADA, Eduardo. Alberto Coelho da Cunha: um resgate histórico. **Diário Popular**, Pelotas, p. 12 - 12, 27 ago. 1993.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos sobre teoria e história literária**. São Paulo: Ed. Nacional., 1985.

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. In: **História: Questões & Debates**. Curitiba, n.50. Jan/Jun/2009. p.61-101. Editora: UFPR.

CHARTIER, Roger. 'O mundo como representação'. **Estudos Avançados**. Universidade de São Paulo, 5 (11), 173-91, jan./abr. 1991.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classe**: operários de Pelotas e Rio Grande "1888-1930". Pelotas: Editora Universitária, 2001.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório (Org.). **Dicionário de história de Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.

KLEIN, Ana Inez. **Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise da "Antigualhas..." de Antonio A. P. Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação**. Porto Alegre: 1997 (dis.)

MAGALHÃES, Mário Osório. **Historia e tradições da cidade de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1999

PESAVENTO, S. J.. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Fragmentos de Cultura** (Goiânia), v. 14, n.9, p. 1595-1604, 2004.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun, p. 11-23, 2007.

_____. Crônica: A Leitura Sensível do Tempo. **REVISTA ANOS 90**, Porto Alegre, v. 7, p. 29-37, 1997.

_____. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n.10, p. 61-80, 2004.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. A cidade como objeto da historiografia. **SAECULUM - Revista de História**. João Pessoa: DH/PPGH/UFPB, n. 21, jul./dez. 2009, p. 111-122.

REIS, José Carlos. O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. **Revista de Teoria da História**. Universidade Federal de Goiás. Ano 3, n.6, dez/2011